

A POESIA DE FERNANDO FERREIRA DE LOANDA – UM DIÁLOGO COM A POESIA PORTUGUESA

GABRIELLA ARAÚJO DUARTE MELLO VIEIRA*
JOELMA SANTANA SIQUEIRA**

RESUMO

O escritor Fernando Ferreira de Loanda nasceu em São Paulo de Luanda, Angola, em 1924, e faleceu no Rio de Janeiro, em 2002. Seu nome está vinculado à geração de 45 e tem sido citado por estudiosos, principalmente, pelo trabalho que realizou à frente da revista *Orfeu* e pela edição dos volumes *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967). Mas Loanda foi autor de pelo menos cinco livros de poesia: *Equinócio* (1953), *Do amor e do mar* (1964), *Kuala Lumpur* (1991), *La frontera vulnerable* (1996) e *Signo da serpente* (2000). Em sua poesia, buscou estabelecer diálogos com outros poetas de língua portuguesa e espanhola. No presente trabalho, busca-se trazer informações que suscitem estudos sobre diálogos que manteve com poetas de Angola e da América Hispânica e exemplificar o diálogo com a poesia portuguesa a partir da análise do poema “Ode para Bartolomeu Dias”.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Ferreira de Loanda. Poetas de 45. Geração de 45. Poesia brasileira e poesia portuguesa.

Fernando Ferreira de Loanda nasceu em 1924, em São Paulo de Luanda, Angola. Aos 4 anos, foi para Portugal, onde o pai tinha um armazém, e aos 12, acompanhando o pai, veio para o Brasil, onde o tio era dono de uma fábrica de sabão. Aqui no Brasil seu pai também montou uma

* Graduada em Letras. Estudante especial do mestrado em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Minas Gerais. Brasil. E-mail: gabriella.vieira@ufv.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6512-3878>

** Doutora em Literatura Brasileira. Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Viçosa/UFV, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRV. Bolsista do CNPq. E-mail: jandraus@ufv.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1975-887X>

fábrica de sabão e Loanda naturalizou-se brasileiro, tendo sido jornalista, poeta e industrial. Faleceu em 2002, no Rio de Janeiro.

Em 1982, a União dos Escritores Angolanos publicou, na coleção *Cadernos Lavras & Oficinas*, um volume de seus poemas (18, escolhidos pelo poeta), com retrato do autor por Iberê Camargo na capa e introdução do poeta luso-angolano David Mestre. Seu nome também está presente na antologia *Poesia africana de língua portuguesa* (2003) e, ao longo de sua vida, manteve contato com outros poetas patrícios, como o próprio David Mestre, que, segundo o crítico e historiador angolano Carlos Pacheco (2000, p. 12), colocava-o “na galeria dos maiores de língua portuguesa”. Apesar dessa possível aproximação com poetas africanos – e de ter, como destacou David Mestre, adaptado da sonoridade de Luanda o nome com que viria a se destacar – quando jovem, em um autorretrato publicado na revista *A cigarra*, edição de setembro de 1950, o escritor se retratou do seguinte modo:

Sou 100% lusíada. Acho que nada existe melhor que um copo de vinho tinto e iscas de bacalhau, ou sardinhas colhidas nas brasas. Portugal é um poema que ainda ressoa no meu peito. Portugal e os rouxinóis, os grilos e as cotovias. De Angola – onde nasci – poucas reminiscências guardo, mas a minha infância em Portugal vive no meu coração, e meus melhores dias foram lá, dias sem responsabilidade, coloridos e suaves, mas dias sem mar, sem o mar, o que mais me fascina.¹

Podemos dizer, no entanto, que a declarada identificação com Portugal causa estranheza quando observamos Carlos Pacheco (2000, p. 14) considerar que, não obstante Loanda tenha saído de Angola com quatro anos de idade, as lembranças da infância “acodem-lhe ao espírito em movimentos subterrâneos”. Citando versos do poema “Memória” (publicado na obra *Kuala Lampur*), no qual se observa uma associação entre o canto da mãe do eu lírico e os “murmúrios do Cuanza a passar sereno em Massangano”, Pacheco conta que, um dia, perguntou ao escritor como ele lidava com a “questão da ‘casa original’”. A resposta foi

¹ A cigarra, set., 1950, p.96. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/47333>
Último acesso 23 jan. 2023.

a seguinte: “É difícil explicar, é um sentimento que me perturba, Angola aparece-me sempre como que envolvida em penumbras, desejo-a como terra de origem, mas tenho dificuldade em lidar com isto. Só sei de uma coisa: quero lá voltar, apesar de tudo” (LOANDA apud PACHECO, 2000, p. 14). Em relação à aproximação com poetas angolanos, Pacheco considerou que há similaridade entre o discurso poético de Loanda e o do poeta angolano José da Silva Maia Ferreira, do século XIX.

Como vários outros poetas da geração de 45, Fernando Ferreira de Loanda permanece pouco conhecido dos leitores, embora tenha frequentado bastante a imprensa brasileira entre os anos 1940 e 1960, e esteja presente em várias antologias dedicadas aos poetas da geração. Até o presente, não há uma recepção de sua obra, as poucas referências críticas que encontramos foram feitas por estudiosos de fora do Brasil, como veremos no decorrer do presente trabalho.

Em um levantamento sobre a presença do escritor na imprensa brasileira, realizado por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos 448 ocorrências de seu nome ao longo de oito décadas. A pesquisa foi feita procurando pela expressão “Fernando Ferreira de Loanda” nos periódicos disponíveis na hemeroteca. O resultado desse levantamento encontra-se na tabela abaixo:

TABELA 2 - REFERÊNCIAS NA HEMEROTECA

Período	Número de ocorrências
1940-1949	166
1950-1959	120
1960-1969	121
1970-1979	21
1980-1989	5
1990-1999	6
2000-2009	8
2010-2019	1

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se que, ao longo das oito décadas, o nome do escritor foi desaparecendo dos jornais. Comparando essas ocorrências com a busca realizada pelo nome do poeta Lêdo Ivo, entre 2010-2019, observamos uma diferença significativa, pois encontramos 103 ocorrências para o poeta alagoano e uma para Loanda. Tendo em vista que os dois escritores estiveram ativamente envolvidos com a geração de 45, é interessante interrogarmo-nos sobre os motivos dessa perda de espaço e reconhecimento que afeta Loanda e vários outros poetas da geração. Essa é uma questão instigante, que, conforme podemos depreender das pesquisas de Bourdieu (1996), não deve ser tomada por uma análise da essência, e sim do campo da produção artística no qual o escritor se insere. Nesse sentido, alerta-nos Bourdieu:

A ciência das obras só poderá libertar-se completamente da visão ‘essencialista’ com a condição de levar a bom termo uma análise histórica da gênese dessas personagens centrais do jogo artístico que são o artista e o conhecedor e das disposições que aplicam na produção e na recepção das obras de arte. Noções que se tornaram tão evidentes e tão banais quanto as de artista ou de ‘criador’, assim como as próprias palavras que as designam e as constituem, são o produto de um longo trabalho histórico. (BOURDIEU, 1996, p. 325)

A proposta de análise depreendida da citação acima é instigante, mas não buscamos realizá-la no presente trabalho, que, por ora, pretende apenas realçar a importância de lermos a poesia de Loanda a fim de que outras formas de ver e pensar o poético possam emergir, sobretudo tendo em vista o diálogo com outros poetas de língua portuguesa. Apesar disso, vale destacar que a passagem acima nos possibilita pensar que talvez a ausência de uma recepção de sua poesia no Brasil e a presença de diálogos com poetas estrangeiros tenha relação, entre outros aspectos, com a disposição de Loanda para percorrer itinerários e acolher poetas estrangeiros em sua intimidade, pois assim o descreveu David Mestre (1982, p. 6): “Infatigável andarilho do continente que o perfilhou, divulgado do México à Argentina, amigo, companheiro, hóspede e anfitrião de poetas e escritores de toda a América Latina...”

Como destacamos, poetas vinculados à geração de 45, com frequência, tiveram sua poesia menosprezada. Lucia Stegagno-Picchio (2004, p. 591) escreveu que, na época de sua estreia, a poética da geração foi definida como “de recuo ideológico e de aprofundamento técnico”, e a esse respeito “valeria a pena refletir antes de pronunciar um juízo demasiadamente restritivo”. Alceu Amoroso Lima (1969), em ensaio publicado pela primeira vez em 1956 e, depois de revisto e ampliado, publicado em 1969, considerou que o movimento dos novos, por ele denominado de neomodernismo, apresentava-se como uma “transição indefinida”, e não uma oposição ao modernismo. Para Lima, o ‘hoje’ não tinha um valor em si, como teve para os modernistas, e o centro de gravidade do novo movimento “deslocou-se do tempo para a natureza. Vemos, ao contrário, o enorme desenvolvimento que vem tendo os estudos clássicos. Os antigos são citados a cada momento”. Trata-se de um aspecto discutido por outros estudiosos, como Vagner Camilo (2020), que investigou o neoclassicismo tanto na lírica de alguns modernistas quanto na lírica de poetas da geração de 45, detendo-se também em estudos de críticos que identificaram o giro neoclássico no contexto da lírica latino-americana.

A justificativa para realizarmos um levantamento da presença de Fernando de Loanda na imprensa por meio da hemeroteca digital em um recorte temporal tão longo, oito décadas, visa demonstrar como sua presença na imprensa brasileira fica concentrada entre os anos 1940 e os anos 1960. E é importante salientar que, além de seu nome aparecer associado à geração de 45, especialmente por causa de seu trabalho na direção da Revista *Orfeu*, do Rio de Janeiro, ele publicou poemas, contos e textos críticos.

Ao lado de outros escritores, Loanda foi colaborador do suplemento Letras e Artes do jornal *A manhã*², periódico que contribuiu para a divulgação da Revista *Orfeu*, publicada entre 1947 e 1953, no Rio de Janeiro, com nove edições. Nesse suplemento, ele publicou sua primeira antologia, uma

² Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 14 mar. 1948. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/912> Último acesso em 23 mar. 2023.

reportagem de página inteira com o título “Antologia da moderna poesia portuguesa”, com o *lead* “Seleção e nota de Fernando Ferreira de Loanda”. Os poetas portugueses citados eram: Afonso Duarte, Pedro Homem de Melo, Carlos Queirós e Alfredo Pedro Guisado³. A intenção do poeta ao publicar a revista *Orfeu* foi declarada no texto já referido anteriormente, “Auto-retrato de Fernando Ferreira de Loanda”, publicado na revista *A cigarra*, quando destacou que haveria de fazer da revista “um grande capítulo na história da moderna literatura brasileira”⁴. Em 26 de junho de 1947, o Suplemento do jornal *A Manhã*, ao anunciar que estava para surgir a Revista *Orfeu*, sob direção de Fernando Ferreira de Loanda e Fred Pinheiro, declarava que “nessa revista os novíssimos residentes no Rio afirmarão sua posição em face aos problemas estéticos do presente e realizarão um movimento de julgamento dos mais velhos”⁵. Em uma entrevista concedida a Alberto Pucheu e Sergio Cohn e publicada no número 8 da revista *Azougue*, sobre o rótulo “geração de 45”, Loanda destacou:

Eu sempre fui contra o rótulo de Geração de 45. Mas, depois, eles foram atacados, tão atacados, que eu resolvi acompanhá-los. Eu não sou de briga. Mas esse negócio de geração... Os sujeitos enfiam o rabo entre as pernas, um está em público, e, dos outros, todo mundo esquece. Hoje todo mundo ataca a Geração de 45. Não sei porquê. Dizem que a geração de 45 voltou ao soneto. Bandeira fez soneto, Vinícius fez soneto. Drummond fez soneto. Todo mundo fez soneto, e não atacaram. Eu não sei fazê-los. Agora, com o tempo eles chegam a 45 e vão gostar de 45. (LOANDA apud PUCHEU, COHN, 2003, p. 40)

Na mesma entrevista, o poeta comentou sobre como começaram a editar a revista *Orfeu*: “Nós começamos a *Orfeu* porque éramos amigos,

³ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 13 out. 1946, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/209> Último acesso em 23 mar. 2023.

⁴ *A cigarra*, set., 1950, p. 96 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/47333> Último acesso 23 jan. 2023.

⁵ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 29 jun. 1947, p. 2 Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/114774/624> Último acesso em 23 mar. 2023.

apenas amigos. Eu, Lêdo Ivo, Darcy Damasceno... cada um puxava a sardinha para sua brasa. No total, éramos uns dez. Não tinha nada de revolucionário não. Nós publicávamos poemas e ensaios”. Ainda assim, a revista *Orfeu* foi um importante órgão de divulgação da geração e atuou como editora de livros. Em 1949, o crítico português Hernani Cidade, enquanto visitava o Brasil a convite do Instituto Histórico e Geográfico para participar do Congresso da Fundação da Cidade de Salvador, concedeu uma entrevista para Maria da Saudade Cortesão, publicada em 15 de maio de 1949 no suplemento Letras e Artes do jornal *A manhã*. Ao comentar sobre a presença da literatura brasileira em Portugal, após citar nomes de alguns escritores, de acordo com a entrevistadora, Hernani Cidade comentou que, das revistas literárias brasileiras “só ‘Orfeu’, editada pelo jovem e ativíssimo Fernando Ferreira de Loanda, lhe chega às mãos”⁶.

Loanda foi o primeiro editor de João Cabral de Melo Neto, com a mediação de Lêdo Ivo, que sugeriu a publicação de um volume dos livros de João Cabral, *Poemas Reunidos* (1954), pois, até então, só haviam circulado em pequenas tiragens:

O primeiro livro de João Cabral de Melo Neto, *Pedra do sono*, publicada em Recife em 1942, saiu graças à generosidade paterna. Em 1955 o poeta Augusto Frederico Schmidt criou uma editora Os Amigos da Poesia destinada inicialmente a publicar dois livros de jovens poetas: *O engenheiro*, de João Cabral de Melo Neto, e *Ode e elegia*, de Lêdo Ivo. Só o primeiro foi por ele custeado, uma vez que Lêdo preferiu pagar, de seu próprio bolso, o *Ode e elegia*, editado pela Pongetti. *Psicologia da composição* (1947) e *O cão sem plumas* (1950) saíram de sua prensa manual, em Barcelona. Contemplado com o Prêmio José de Anchieta, *O rio* foi editado pela comissão do IV Centenário de São Paulo. Em 1951, empenhado em difundir a poesia do amigo, Lêdo Ivo propôs a Fernando Ferreira de Loanda que editasse num volume os livros de João Cabral até então lançados em pequenas tiragens fora do comércio [...]. (IVO, 2007, p. 57)

⁶ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 15 mai. 1949, p.4 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/1601> Último acesso em 23 mar. 2023.

Lembrado pelo trabalho de editor dos novos poetas, foi chamado de “arquivista cautelosamente prematuro” da geração por Sérgio Maciel (2017)⁷. O reconhecimento da importância do trabalho realizado pelos editores da revista *Orfeu* pode ser observado no texto “Poemas traduzidos”, publicado em 02 de julho de 1950, no suplemento *Letras e Artes*, por Otto Maria Carpeaux, que reconhecia o empenho editorial da revista e de Loanda:

É das mais interessantes a iniciativa da Revista-Editora «Orfeu» dirigida pelo poeta Fernando Ferreira de Loanda, de publicar traduções de obras importantes - sonetos de Gôngora, poemas de Leopardi, talvez pequenas antologias da poesia clássica italiana e da espanhola moderna, colaborando os poetas Domingos e Afonso Felix de Souza e Darcy Damasceno ao qual já tivemos a tradução de «Cimetière marin», de Valéry.⁸

Com a *Orfeu*, os jovens estavam fazendo uma pequena revolução em apresentar ao público brasileiro poetas que não haviam sido traduzidos para o português, iniciativa, segundo Carpeaux, “das mais interessantes, porque traduzir não é simples exercício de estilo nem tarefa utilitária, destinada a divulgar obras escritas em línguas inacessíveis ao público”⁹.

Na empreitada da Editora *Orfeu* para lançar traduções importantes e apresentar os novos poetas, observa-se um traço peculiar de Fernando Ferreira de Loanda: ser um industrial, e como tal, buscar reconhecer e executar uma empreitada gigante como a de um projeto editorial, vislumbrado desde muito novo, como destacou Carlos Pacheco:

Aos poucos consolidava-se o seu amadurecimento. Foi então que se abalçou a criar sozinho a revista *Alfa-Omega*, destinada a divulgar

⁷ Escamandro. Disponível em <https://escamandro.wordpress.com/2017/02/20/fernando-ferreira-de-loanda-1924-2002/> Último acesso em 20 mar 2023.

⁸ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 2 jul. 1950, p.6 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/2246> Último acesso em 22 mar 2023.

⁹ Idem.

Fernando Pessoa e José Régio. De colaboradores contou com alguns, da safra de poetas ainda principiantes que foi conhecendo e que com ele, mais tarde, viriam a dar origem ao movimento *Orfeu*. Estava-se em 1940. O empreendimento exigiu custos que a princípio o embarracaram; ele não se sentia à vontade de pedir apoio da família. Mesmo assim não vacilou. Foi ao Ministério da Educação e falou com Carlos Drummond de Andrade, já nesse tempo um patriarca das letras. Talvez mais impressionado com a intrepidez do jovem do que com seus argumentos, o poeta itabirano dispôs-se a ajudá-lo. Conseguiu a verba necessária. Apesar de efémera, a revista cumpriu o destino que lhe fora traçado. (PACHECO, 2020, p. 16)

A recepção da poesia de Fernando Ferreira de Loanda, assim como a de muitos outros poetas da geração de 45, não existe. Seus livros, hoje, são encontrados apenas em sebos, mas identificamos a presença de sua poesia no exterior nos seguintes suportes: *Revista Periódico de Poesia*, editada pela Universidade Nacional Autónoma do México, em um dossiê em homenagem ao poeta Carlos Montemayor¹⁰, edição inverno de 95/96, com o poema “Carta Para Montemayor”, e em edição de verão de 1993, contendo quatro poemas (“Poema sagitariano”, “Alquimia”, “Poema de La luna llena” e “Poema”) traduzidos por Héctor Carreto¹¹. Também há uma antologia editada pela mesma universidade, com o título *Fernando Ferreira de Loanda: Material de lectura*¹² (2010), com os poemas traduzidos para o espanhol por Marcela Terán; e a obra *Poemas Mexicanos* (1982), com adaptação dos poemas de Fernando Ferreira de Loanda feita por Héctor Carreto¹³. Além disso, em outro material

¹⁰ Disponível em: <http://www.archivopdp.unam.mx/images/stories/pdf-impresos/pdp-12-campos.pdf> Último acesso em 22 mar. 2023.

¹¹ Disponível em: <http://www.archivopdp.unam.mx/images/stories/pdf-impresos/pdp-02-campos.pdf> Último acesso em 22 mar. 2023.

¹² Disponível em: <http://www.librosoa.unam.mx/bitstream/handle/123456789/652/6.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Último acesso em 22 mar. 2023.

¹³ Disponível em: <http://www.elem.mx/obra/datos/103545> Último acesso em 22 mar. 2023.

de leitura da referida universidade, o escritor mexicano Guillermo Samperio dedicou o conto “Ella habita um cuento” a Fernando Ferreira de Loanda.¹⁴

Sobre a própria poesia, Fernando Ferreira de Loanda, quando foi entrevistado por Alberto Pucheu e Sergio Cohn (2003), destacou a relação que manteve com a poesia da América Hispânica:

Fui muito amigo de Enrique Molina e Olga Orozco, da Argentina. O Enrique Molina vinha todos os anos para um apartamento que eu tinha em Cabo Frio. Ele é excelente. E gosto muito de alguns cubanos, José Male, Luiz Biaz. Tem bons poetas venezuelanos... (LOANDA apud PUCHEU, COHN, 2003, p. 41)

Carlos Pacheco (2000, p. 21), finalizando a nótula biográfica “A odisseia do poeta”, texto, até então, mais detalhado sobre a biografia do escritor, e publicado no volume *Signo da serpente* (2000), observou que enquanto no Brasil o nome e a obra de Loanda “são voltados ao ostracismo, no resto do Continente – do México à Argentina – poetas como Efraín Huerta, Octavio Paz, Enrique Molina, entre outros, exaltam seus poemas e dedicam-lhe as suas produções”. Para Milton de Godoy Campos (1966, p. 182), no entanto, “Fernando Ferreira de Loanda fez-se conhecido, antes mesmo de conquistar um lugar ao sol como poeta, pelo fato de dirigir uma das primeiras publicações da geração de 45, a revista ‘Orfeu’, do Rio de Janeiro”. É como se o trabalho de editor, de algum modo, tivesse ofuscado o trabalho do poeta no Brasil, posto que, no Jornal da União Brasileira de Escritores (UBE), em um texto publicado em dezembro de 2002, com comentários sobre a recente morte do poeta, lemos:

grandes nomes hispânicos mantinham com ele estreito comércio literário. Conta Affonso Romano de Sant’Anna que, em visita ao Brasil, Octavio Paz procurou saber como encontrá-lo, deixando de lado outro compromisso. Pela América Hispânica inteira Fernando fez ami-

¹⁴ Disponível em: <http://www.materialdelectura.unam.mx/images/stories/pdf5/guillermo-samperio-98.pdf> Último acesso em 22 mar. 2023.

gos e tradutores, promoveu a poesia brasileira e teve parte de sua obra publicada em espanhol¹⁵.

A amizade de Fernando Ferreira de Loanda com Octavio Paz ficou registrada na poesia. O poeta mexicano, ganhador do Nobel de literatura em 1988, dedicou a Loanda o poema “Brindis”, publicado na obra *Árbol adentro* (1987).

Brindis

A Fernando Ferreira de Loanda

En Suan Juan de los Lagos
me encontré un sombrero rojo:
los escondí en el mar,
lo escondí en el monte,
lo guarde en mi frente.
Hoy brota en esta mesa,
chorro de palabras
y el mantel se cubre
de miradas
(PAZ, 2004, p.125)

Loanda também dedicou um poema a Octavio Paz:

Para Octavio Paz

No salitre fatigado dos vencedores hipoteco
Meus sapatos andarilhos
e a palavra nojo.

Aos vencidos – nunca magnânimos – resta
a esperança,
asa de tigre, cacto de flores.
(LOANDA, 2000, p. 138)

¹⁵ Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/OES/OES0212101/OES0212101_14.PDF Último acesso em 22 mar 2023.

Essa pequena troca de poemas é um exemplo do diálogo poético mantido entre Loanda e poetas da língua espanhola, envolvendo o México e também outros países da América Latina e a Espanha. Para exemplificar, citamos os poemas dedicados aos poetas mexicanos: Jorge Ruiz Dueñas (“Vital”), Carlos Montemayor (“Carta para Carlos Montemayor”), Efraín Huerta (“Ode para Walt Whitman ou Efraín Huerta”); ao poeta da Guatemala, Augusto Monterroso (“Fábula”); aos poetas venezuelanos, Juan Liscano (“Para Juan Liscano”), Vicente Gerbasi (“Para Vicente Gerbasi”), Eugenio Montejo (“Poema para Eugenio Montejo”); ao poeta colombiano Álvaro Mutis (“Kuala Lumpur”); ao poeta peruano Javier Sologuren (“Machu Pichu”); aos poetas argentinos Olga Orozoco (“Saga”), Enrique Molina (“Para Enrique Molina”), Jorge Luis Borges (“Para Jorge Luis Borges”); sem esquecer os espanhóis Juan Ramon Jimenez (“A Juan Ramon Jimenez”), Gabino-Alejandro Carriedo (“Para Gabino-Alejandro Carriedo”), Camilo José Cela (“Do labirinto”). Todos esses poemas foram colhidos da obra *Signo da Serpente*, e é uma pequena amostra de possíveis relações que a poesia de Fernando Ferreira de Loanda estabeleceu com a de poetas de língua espanhola, à espera de estudo.

No dia 19 de julho de 2002, o livro *O signo da serpente* recebeu o Prêmio Machado de Assis e, dois meses depois, em 19 de setembro, Loanda faleceu, com 77 anos. Sobre a morte do poeta, Carlos Pacheco escreveu que:

Realmente o mundo das letras, de língua portuguesa, acaba de perder um dos seus maiores vultos, só que de uma forma gritantemente absurda: enquanto em todos os quadrantes de língua espanhola – do México à Argentina, incluindo a Espanha – se exalta a poesia de Fernando Ferreira de Loanda, pujante de beleza estética e densidade discursiva, no Brasil, longe disso, essa poesia tem sido emparedada pelas capelinhas, quando não mesmo voltada ao ostracismo¹⁶.

Pacheco comentou, também, sobre uma das maiores características de sua poesia: as viagens; pois trata-se de poesia de viajante, muito ligada

¹⁶ Disponível em: <https://www.publico.pt/2002/07/29/jornal/um-poeta-sepultado-vivo-173223> Último acesso em 20 mar. 2023.

ao mar, como podemos observar no poema “Ode para Bartolomeu Dias” (LOANDA, 2000, p. 54-56), que homenageia o navegador português. O poema está dividido em três partes:

I

Quando o astrolábio não mais te falar de estrelas
de meridianos, da calculada aproximação ou afastamento
da mulher amada que vês e sentes em cada uma que nos portos
ocasionalmente surge e se esvai;

quando as papoulas não mais forem colhidas por tua mão
e as rosas escarlates fanarem nos teus jardins,
alheias ao perfume dos cabelos que não enfeitaram,
das mulheres que não amaste, das que não conheceste,
ou ignoraste, e que à noite abrem a porta aos que lhes levam
cravos, goivos, rosas brancas, agapantos, nenúfares,
e lhes dão a boca, que mal adivinham, e a nudez;

quando o leme não mais respeitar a tua vontade,
e teu for o caminha da morte,
rotos os sapatos e a esperança,
velas arriadas e desbotado,
aguarda-a nas colinas do sono.

No início do poema, no verso “Quando o astrolábio não te falar de estrelas”, o poeta aponta para a perda de rumo do navegador. Observa-se nas estrofes uma soma de perdas (de meridianos, de referências, da mulher amada...) com várias orações encadeadas que deixam o leitor perdido sem conseguir reter um sentido em meio ao emprego recorrente do pronome relativo “que”, ausente na última estrofe, a que introduz a ideia de inércia associada à velhice e ao caminho da morte. O tema da fugacidade dos sentimentos também é perda: “Da mulher amada que vês e sentes em cada uma que nos portos / Ocasionalmente surge e se esvai”. O ritmo dos versos livres sugere a fuga das coisas. O amor é improvável, já que: “das mulheres que não amaste, das que não conheceste, /ou ignoraste,

e que à noite abrem a porta aos que lhes levam / cravos, goivos, rosas brancas, agapantos, nenúfares, / e lhes dão a boca, que mal adivinham, e a nudez”. Fala da volúpia das mulheres, mas essas são apenas imaginadas, como em uma fantasia erótica do eu lírico. A última estrofe é um pouco mais explícita em relação à perda da vitalidade que se confunde com a da virilidade masculina: “Quando o leme não mais respeitar a tua vontade”.

Sobre a poesia de Fernando Ferreira de Loanda, o escritor mexicano Carlos Montemayor (2000) escreveu que:

Várias emoções e ideias se reiteram ao longo de sua obra e em ocasiões que vão transformando umas noutras. Os portos e os cais são escalas dessa travessia. São, simultaneamente, realidades interiores e pensamentos. São, igualmente, a insubstituível vida de homens e mulheres. São o destino, ou a mulher que nos espera, ou que ansiamos imaginar que nos espera. Poema a poema a força do mar vai crescendo até se converter num todo: a consciência, a vida, o amor, a paixão, a memória, o destino interrogando-se, o final da vida. (MONTEMAYOR, 2000, p. 26)

A segunda parte do poema “Ode para Bartolomeu Dias” dá sequência ao assunto do final da primeira parte: a morte:

II

A morte? Não existe; nada existe no efêmero,
o fim tão próximo do princípio, tão longe do desejado.

Há muito morri
a minha morte.
Somos insignificantes como a anônima semente que o vento
[carrega
Para que nas encostas inacessíveis vicejem cores como
[bandeiras.

Oh, saber-me poeta como te sabias marinheiro,
A domar as palavras como o fazias com o vento e o mar,

Alheio ao encanto das sereias ou às advertências divinas!

Calar ante a procela, mas inflexível até rasgá-lo
[perpendicularmente,
o Atlântico, misto de pantera e Neptuno.

Saber-me poeta como te sabias marinheiro,
saber-me uno, indivisível, ter-me sem malogros,
sem mágoa ou sombra.

Morte somos do nascimento à espada que nos trespassa,
ao vento que nos condena, à água que nos cobre e dilui.

Ó hierarquia, de fogo e cristal,
por que existimos destinados a um fim,
fronteira incolor, onde uma folha caída
e amarela nada mais diz do que exprimia
quando tenra, adernada pelo outono?

Nesta segunda parte, o poeta questiona a existência da morte, já que nada pode existir em algo tão passageiro como a vida. O início e o fim ficam confusos e pequenos diante daquilo que é desejado. O homem é insignificante, morre a morte que é particular ao homem, a sua história, a sua existência. Aproxima o eu lírico (poeta) do navegador: “Oh, saber-me poeta como te sabias marinheiro, / a domar palavras como o fazias com o vento e o mar”. Segundo Montemayor:

No centro do poema aparece uma confissão essencial: a poesia é um destino, tão árduo como enfrentar o oceano. Ou melhor a travessia do oceano, a qual parece possuir todos os destinos humanos, contendo-os, explorando-os, tornando iguais o marinheiro e o poeta. (MONTMAYOR, 2000, p. 30)

O ofício de ser poeta é árduo como o de um navegador, um explorador descobrindo um mundo que lhe é estranho, não sabendo quais monstros encontrará no mar gigantesco. A única certeza é da morte: “Morte somos do nascimento à espada que nos trespassa, / ao vento

que nos condena, à água que nos cobre e dilui”. Poesia pessimista sobre os riscos do viver, do navegar e do fazer poético. Ao comparar a poesia de Fernando Ferreira de Loanda com a de seu compatriota David Mestre, Carlos Pacheco destacou:

Em ambos os discursos, recorrente e obsidiante, gira à volta dos mesmos elementos – o mar, o amor e a solidão. A ansiedade vital de *partir sempre* é, na verdade, uma constante nos dois literatos como se, à falta de uma morada, não encontrassem repouso dentro de si mesmos. O mar, equivalente simbólico da alma, é como que um espaço matematicamente incomensurável por onde ambos deambulam em busca do ‘paraíso perdido’, espécie de ‘Ítaca’ que os homens de todos os tempos procuram. (PACHECO, 2000, p. 12-13, grifo no original)

O grande mar não descoberto do poeta é a página em branco, intimidadora, sufocante. As palavras precisam ser domadas, como algo selvagem que se recusa a obedecer à vontade do poeta. Ao leitor cabe navegar no poema também com dificuldade. Durante entrevista concedida a Pucheu e Cohn, sobre a pergunta a respeito do que o motivava a escrever um poema, Loanda comentou: “Difícilmente eu sou motivado. Eu demoro muito tempo para fazer um poema. Tem gente que escreve um livro inteiro enquanto eu escrevo um poema... Para mim é um castigo fazer um poema. O poema é um castigo...” (LOANDA, apud PUCHEU, COHN, 2003, p. 41).

Na terceira e última parte do poema, o poeta insere-se mais explicitamente na tradição da lírica portuguesa:

III

Ah, Bartolomeu Dias, marinheiro sem mulheres, sem cais,
tanto suaste para divisar o Índico além da tempestade e da
[fábula,
tanto quiseste ver-te senhor do Oriente,
plantar as quinas muito além, do teu sonho, e a cruz;
tantas estrelas seguiste, louco e lúcido, e outros tantos

[alfarrábios e adivinhos consultaste,
fundindo o real ao fantástico
- e os poetas não falaram de ti, o proficiente,
nem dos teus sonhos, nem dos fantasmas que evocaste,
embora sulcasses a cortina que envolvia as palavras e o
[abismo.

Pensavas servir a pátria,
e serviste a muitas.

Bartolomeu Dias da minha infância,
símbolo da minha raça, fremes e estuas no meu peito,
e te apegas às minhas veias pra alevantar, ao vento, as velas,
e me arrastar ao Índico.

Ah Bartolomeu Dias, meu Ulisses lusíada,
eu te resgatei na pedra, com a palavra ou ante Deus!
Do outrora te lançarei ao porvir, e não há tempestade
Que te abata mais uma vez.

Na última parte do poema, apresenta a declarada homenagem a Bartolomeu Dias, navegador português conhecido por ter conseguido cruzar o Cabo da Boa Esperança, em 1487, conseguindo retornar com segurança e relatar o sucesso a D. João II. Depois desse sucesso, garantiu alguma posição de importância na coroa portuguesa, mas o interessante é que, por mais que tenha conseguido assegurar uma rota segura para o Oceano Índico, quando foi garantida a primeira armada com o destino para Índia, a chefia dessa missão ficou com Vasco da Gama. O navegador participou de outras missões e chegou a vir ao Brasil. Em 1500, morreu em um naufrágio na costa da África, devido a uma forte tempestade, sem nunca ter chegado à Índia ou cruzado o Cabo da Boa Esperança novamente (MARQUES, 2013, p. 93). É sobre ele que o gigante Adamastor fala em *Os Lusíadas*, quando diz: “Aqui espero tomar, se não me engano, / De quem me descobriu suma vingança” (CAMÕES, 2022, p. 212).

A ironia de quem chegou ao oceano Índico, mas acabou morrendo em uma tempestade não muito distante do lugar de seu maior sucesso,

é vista como efemeridade da vida, na qual a maior conquista também é a maior derrota, como se pode observar no primeiro verso da segunda parte: “A morte? Não existe no efêmero, / o fim tão próximo do princípio, tão longe do desejado”. Bartolomeu Dias desejou tanto conquistar o Oriente e não conseguiu. Não possui suas glórias cantadas por poetas, pois é lembrado por sua morte, pela ironia de sua morte. Em *Mensagem*, Fernando Pessoa publicou o poema “Epitaphio de Bartolomeu Dias”:

V. EPITAPHIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas mostra alto o mundo no seu ombro.
(PESSOA, 2016, p. 32)

O mar e as navegações possuem uma grande importância na formação de Portugal como nação. Foi dominando o mar que um pequeno país conseguiu conquistar grande parte do mundo. A navegação portuguesa é um orgulho para o povo lusitano, e esse sentimento passa para a literatura. Então não é de se estranhar que o mar esteja presente em várias obras. No artigo “Mar e Lusofonia”, Manuel Ferreira Patrício apresenta a relação entre o mar e a literatura portuguesa, passando pela obra de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa, propondo que Pessoa retorna ao mar várias vezes, mas há uma atenção especial dedicada ao tema na obra *Mensagem*, selecionada por Patrício com as seguintes palavras:

Terei de ser muito directo nas escolhas a fazer e breve também. Interessar-me-á apenas o Fernando Pessoa do Mar-Oceano, ou seja, o da Gesta Portuguesa, o Fernando Pessoa dos Navegadores e das Descobertas, o do povo que realizou a unidade de comunicação da humanidade no planeta, que tornou planetária a lusofonia. Esse Fernando Pessoa é o que se encontra nuclearmente na *Mensagem* e em mais uma mão-cheia de poemas afins. (PATRÍCIO, 2015, p. 304)

Na última estrofe do poema – “Ah, Bartolomeu Dias, meu Ulisses lusíada, / eu te sagrarei na pedra, com a palavra ou ante Deus! / Do outrora te lançarei ao porvir, e não há tempestade / que te abata outra vez” – o eu lírico compromete-se a consagrar Bartolomeu Dias com as palavras, dedicar-lhe a única eternidade possível, a que resiste à tempestade, a da poesia. Opõe à fugacidade das coisas da vida a perenidade da poesia. Nesse sentido, realiza o que Vagner Camilo (2020, p. 173) identificou como um aspecto da poesia dos poetas da geração 45: a retomada da tópica horaciana sem mais conflito, em oposição a determinados poetas modernistas que reafirmaram “a consciência moderna da transitoriedade do tempo e da própria criação”. Estaríamos, então, diante de uma consciência não mais moderna, e vale aqui observarmos, mais uma vez, palavras de Alceu Amoroso Lima (1969, p. 116, grifo no original) sobre o neomodernismo não ser contra o moderno, “mas, certamente, não lhe dá nenhum valor *como tal*”.

No poema “Ode para Bartolomeu Dias”, o resgate do passado, no entanto, é problemático, especialmente se pensamos na colonização e no que ela implica em termo de destruição. O poeta que homenageia o herói navegador, vendo-o como símbolo de sua raça e propondo que ele serviu a muitas pátrias, mas não foi cantado pelos poetas predecessores, daí buscar resgatá-lo com sua poesia, reveste-se do olhar lusitano e, nesse sentido, seu diálogo com a lírica portuguesa não é contestador, mas favorável aos feitos do conquistador. Apesar disso, a aproximação do fazer do poeta com o do navegador é bem interessante nesse poema melancólico sobre a efemeridade da existência, sobre como grandes feitos podem ser esquecidos. O mar, os ventos, as tempestades são intempéries que o navegador aceita. Bartolomeu Dias manejou a força da natureza à sua vontade e pereceu. O poema é a realização do desejo de tirá-lo do passado e lançá-lo no futuro por um eu lírico que se lança na página em branco como o navegador que se lançou no mar.

Na obra *Do amor e do mar* (1964), após o poema “Ode para Bartolomeu Dias”, encontra-se o poema “O Lusíada”, em que o eu lírico se apresenta como um fadista a dedilhar em sua guitarra um fado à saudade

dos que, no leito do mar, fundearam. “Fado”, por sua vez, é o título de um poema publicado no primeiro livro do escritor, *Equinócio* (1953), com versos curtos e melódicos. Queremos com a citação desses dois poemas destacar que o diálogo da poesia de Loanda com a lírica portuguesa estende-se além do que foi discutido no presente trabalho, incluindo outros temas além das conquistas marítimas.

Fernando Ferreira de Loanda, poeta, editor, industrial, nascido em Angola, naturalizou-se e morreu no Brasil. Passou sua infância em Portugal, era apaixonado pelo México. Adorava viajar, possuía diversas amizades com vários representantes das literaturas em língua portuguesa e espanhola. Foi esquecido, como vários de sua geração. Quando perguntado sobre sua forte ligação com o México, respondeu:

Eu já fui lá umas quinze vezes... A primeira vez foi em 1967, eu fui a um congresso com Guimarães Rosa. Você não pode imaginar o que é o México. Aqui no Brasil, é coisa folclórica, ninguém sabe o que é México aqui. Eu só não viajo mais porque não tenho dinheiro para viajar. Vou viajar agora em janeiro, vou ao México. O México, deixa eu explicar, lá toda universidade tem uma editora. E essa editora publica livros e publica revistas. Então lá todo mundo brilha, ninguém cobre ninguém, todo mundo brilha, todo mundo brilha... Você quer procurar a revista *Crocodilo*. É da filha do Efrain Huerta. É muito boa a revista. Mas tem tanto poeta no México, tem tanto poeta no México... (LOANDA apud PUCHEU, COHN, 2003, p. 40)

“Ninguém cobre ninguém, todo mundo lá brilha”, com essa frase, observa-se a admiração do poeta pelo modo como a literatura está presente no México. Possivelmente, Loanda encontrou no México um ambiente editorial mais amigável para a expansão, para a descoberta do novo. Talvez seja por isso que ele tenha mantido amizades com tantos autores de lugares tão diferentes, porque, como um bom editor, estava provando novas literaturas. Na figura de Fernando Ferreira de Loanda, o poeta, o editor e o industrial se misturam. Ele aparenta ter o olhar para reconhecer uma empreitada industrial, conhecer quem produz (poetas),

quem distribui (editoras), quem divulga (revistas), e mostra interesse por toda essa indústria, mas, estranhamente, no Brasil, não encontrou o reconhecimento de sua empreitada. Sua obra ainda espera pelo leitor interessado em desbravar os diálogos com muitos poetas que lhe eram contemporâneos, e esse é um dos desdobramentos do presente trabalho: a busca pelo diálogo da poesia de Loanda com a de outros poetas de sua predileção.

THE POETRY OF FERNANDO FERREIRA DE LOANDA – A DIALOGUE WITH PORTUGUESE POETRY

ABSTRACT

The writer Fernando Ferreira de Loanda was born in São Paulo [of Luanda], Angola, in 1924, and died in Rio de Janeiro, in 2002. His name is linked to the generation of 45 and has been mentioned by scholars, mainly, for the work he carried out as the head of the magazine *Orfeu* and for editing the volumes *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967), but Loanda was the author of at least four books of poetry: *Equinócio* (1953), *Do amor and do mar* (1964), *Kuala Lumpur* (1991) and *Signo da serpente* (2000). In his poetry, he sought to establish dialogues with other Portuguese and Spanish-speaking poets. In the present work, we intend to bring information that arouse studies on dialogues that he had with poets from Angola and Spanish-speaking America and exemplify the dialogue with Portuguese poetry, from the analysis of the poem “Ode para Bartolomeu Dias”.

KEYWORDS: Fernando Ferreira de Loanda. Poets of 45. Generation of 45. Brazilian poetry and Portuguese poetry.

LA POESÍA DE FERNANDO FERREIRA DE LOANDA – UN DIÁLOGO CON LA POESÍA PORTUGUESA

RESUMEN

El escritor Fernando Ferreira de Loanda nació en São Paulo [Luanda], Angola, en 1924, y murió en Río de Janeiro, en 2002. Su nombre está ligado a la generación

del 45 y ha sido mencionado por los estudiosos, principalmente, por su trabajo realizado en la dirección de la revista *Orfeu* y por editar los volúmenes *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) y *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967), pero Loanda fue autor de al menos cuatro libros de poesía: *Equinócio* (1953), *Do amor e do mar* (1964), *Kuala Lumpur* (1991) y *Signo da serpente* (2000). En su poesía buscó establecer diálogos con otros poetas de habla portuguesa y española. En el presente trabajo, pretendemos traer informaciones que susciten estudios sobre diálogos que tuvo con poetas de Angola e Hispanoamérica y ejemplificar el diálogo con la poesía portuguesa, a partir del análisis del poema “Oda para Bartolomeu Dias”.

PALABRAS CLAVE: Fernando Ferreira de Loanda. Poetas del 45. Generación del 45. Poesía brasileña y poesía portuguesa.

REFERÊNCIAS

- APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre (orgs.). *Poesia africana de língua portuguesa – antologia*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMILO, Vagner. *A Modernidade Entre Tapumes: da poesia social à Inflexão Neoclássica na Lírica Brasileira Moderna*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Dois Irmãos (RS): Clube de Literatura Clássica, 2022.
- CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Editora Clube de Poesia, 1966.
- CARRETO, Héctor (trad.). *Poemas mexicanos*. México: Universidad Nacional Autónoma De México, 1982.
- IVO, Lêdo. *E agora adeus – correspondência para Lêdo Ivo*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro; Edições de Ouro, 1969.
- LOANDA, Fernando Ferreira de. *Antologia da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Antologia da nova poesia brasileira*. Livros de Portugal, 1965.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *De amor e do mar*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Equinócio*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1953.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Kuala Lumpur*. Massao Ohno editora, 1991

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Panorama da nova poesia brasileira*. Orfeu, 1951.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Signo da serpente*. 1 ed. Lisboa: Veja Editora, 2000.

LOANDA, Fernando Ferreira de. *Poemas de Fernando Ferreira de Loanda*. Coleção Cadernos Lavras & Oficinas. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1982.

MARQUES, Fernando. “Bartolomeu Dias—de Vila Franca ao Cabo da Boa Esperança”. In: CIRA Boletim Cultural, n.11, 2013. Disponível em: <https://www.museunicipalvfxira.pt/cmvmxira/uploads/document/file/753/CIRA_BOLETIM_CULTURAL.pdf#page=93> Último acesso: 17 de dezembro de 2022.

MONTEMAYOR, Carlos. “A poesia de Fernando Ferreira de Loanda”. In: LOANDA, Fernando Ferreira de. *Signo da Serpente*. Lisboa: Veja Editora, 2000.

PACHECO, Carlos. “A Odisseia do Poeta”. In: LOANDA, Fernando Ferreira de. *Signo da Serpente*. Lisboa: Veja Editora, 2000.

PACHECO, Carlos. Um poeta sepultado vivo. **Público**, Lisboa, 29 de julho de 2002. Disponível em: <https://www.publico.pt/2002/07/29/jornal/um-poeta-sepultado-vivo-173223> Último acesso: 17 de dezembro de 2022

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. “O mar e a lusofonia”. *Errâncias do Imaginário...* Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 298-320

PAZ, Octavio. *Obras poética II (1969 – 1998)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

PERIÓDICOS DE POESÍA. “Carlos Montemayor: La poesia en el centro del mundo”. Inverno de 1995/96. Disponível em <<http://www.archivopdp.unam.mx/images/stories/pdf-impresos/pdp-12-campos.pdf>> Último acesso em 10 nov. 2022

PERIÓDICOS DE POESÍA. “Cuatro poemas de Fernando Ferreira de Loanda, versiones de Héctor Carreto”. Verão de 1998. <<http://www.archivopdp.unam.mx/images/stories/pdf-impresos/pdp-02-campos.pdf>> Último acesso 10 nov. 2022

PESSOA, Fernando. *Obra poética de Fernando pessoa*: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016

PUCHEU, A.; COHN, S. “As palavras me fogem...” . *Revista Azougue*, v. 8, p. 38-55, abr. 2003.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TERAN, Marcela (org.). *Fernando Ferreira de Loanda*: Material de Lectura. México: Universidad Nacional Autónoma De México. 2010. Disponível em: <<http://www.librosoa.unam.mx/bitstream/handle/123456789/652/6.pdf?sequence=2&isAllowed=y>> Último acesso: 17 de dezembro de 2022

ZAVALA, Hernán Lara (org.). *Guillermo Sampeiro*: Material de Lectura. México: Universidad Nacional Autónoma De México. 2011. Disponível em: < <http://www.materialdelectura.unam.mx/images/stories/pdf5/guillermo-sampeiro-98.pdf>> Último acesso: 17 de dezembro de 2022

Submetido em 31 de janeiro de 2023

Aceito em 13 de abril de 2023

Publicado em 28 de maio de 2023
